

Mulheres negras, investimento afetivo em si e contextos educacionais

Black women, affective investment on self and educational contexts

*Nathalia Duarte Moura*¹
*Pamela Oliveira da Rosa*²
*Camila Peixoto Farias*³

RESUMO

O presente artigo pretende discutir de forma crítica a imposição às mulheres negras de um lugar social marcado pela subalternidade e pela lógica utilitária e desumanizadora. Após um breve resgate histórico discutiremos a partir da psicanálise algumas reverberações subjetivas dessa lógica. Nosso foco será a balança de investimentos afetivos e o direcionamento do ódio. A partir do contexto educacional procuramos evidenciar que mesmo sendo um contexto repleto de violências pode possibilitar a construção de novas possibilidades de reconhecimento e de investimento em si mesma para mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras. Racismo. Sexismo. Educação.

ABSTRACT

This paper critically discuss the imposition of a social position on black women marked by subordination and utilitarian and dehumanizing logic. After a brief historical review, we will discuss, from a psychoanalytic perspective, some subjective reverberations of this logic. Our focus will be on the balance of affective investments and the direction of hatred. From the educational context, we seek to show that even in a context full of violence, it can enable the construction of new possibilities for recognition and investment themselves for black women.

KEYWORDS: Black Women. Racism. Sexism. Education.

RESUMEN

Este artículo analiza críticamente la imposición de una posición social sobre las mujeres negras marcada por la subordinación y una lógica utilitarista y deshumanizante. Tras una breve revisión histórica, abordaremos, desde una perspectiva psicoanalítica, algunas repercusiones subjetivas de esta lógica. Nos centraremos en el equilibrio de las inversiones afectivas y la dirección del odio. Desde el contexto educativo, buscamos mostrar que, incluso en un contexto de violencia, esto puede facilitar la construcción de nuevas posibilidades de reconocimiento y autoinversión para las mujeres negras.

PALABRAS CLAVE: Mujeres negras. Racismo. Sexismo. Educación.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. nathimoura18@gmail.com

² Psicóloga pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. pamela_oliveira91@outlook.com

³ Psicóloga/Psicanalista. Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do Núcleo de estudos e pesquisa em Psicanálise - Pulsional. pfcamila@hotmail.com

* * *

Introdução

A concepção universalizada, dirigida pelos interesses culturais das instituições religiosa, política e de Estado, em que a categoria social “mulher” foi instaurada diz respeito a uma imagem baseada em um constructo de feminilidade branca, ocidental e burguesa, cujas expectativas sociais foram construídas e se mantiveram circunscritas pela docilidade, maternidade, passividade e subserviência (Zanello, 2018). Tal fato manteve as experiências de mulheres negras distantes das discussões e teorizações, proporcionando uma perspectiva que exclui e generaliza vivências de mulheres.

Ao trazermos para o foco as mulheres negras, convocamos a produção de reflexões e promovemos espaço para pensar que essa figura foi – e ainda vem sendo – silenciada e posta em lugares que entendemos como lugares de opressão, sem que seja dado a ela – mulher negra – a oportunidade de falar sobre as suas histórias e vivências que são carregadas não só de dores, submissão e violências, mas também de (re)existência, insubmissão e representatividade. A vida da mulher negra é configurada por muitos estereótipos que acabam por pesar de forma exacerbada na constituição da sua forma de ver e viver em sociedade. Uma sociedade racista que impõe às mulheres negras um lugar de subalternização, onde o papel delas deve ser, em primeiro lugar, servir ao outro (Gonzalez, 2020).

Nosso objetivo principal é problematizar a leitura social que é feita de mulheres negras através da apresentação de um panorama histórico, social e subjetivo do lugar da mulher negra na sociedade, como uma possibilidade de compreender os processos de constituição de identidade racial e os efeitos das opressões de raça e gênero na experiência e na saúde mental dessas mulheres. Considerando que a mulher negra é colocada continuamente como cuidadora do outro, a qual deve priorizar e satisfazer os desejos e necessidades – especialmente se esse outro for branco –, é necessário fazer emergir a

trajetória, a experiência, o universo sensível e afetivo, os processos de subjetivação e as potencialidades das mulheres negras – de forma individual e coletiva – para transgredir a circunscrição social e racial delimitada que lhe é imposta por grupos hegemônicos.

O racismo e o sexismo, enquanto sistemas que operam na sociedade, se articulam de forma violenta e se constituem como ideologias de dominação, sendo capazes de perpetuar padrões comportamentais, estéticos, intelectuais, culturais e econômicos através de discursos, teorias, expressões, conceitos e práticas materiais cotidianas de discriminação, que têm na sua base uma visão patriarcal-racista. Nessa perspectiva, interseccionando gênero e raça, as mulheres negras ocupam um lugar inferior dentro da hierarquia social, constituindo o grupo mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, o que restringe suas possibilidades de ascensão e direitos de serem protagonistas em suas narrativas e de suas próprias histórias (Gonzalez, 2020).

Primeiramente realizaremos um breve resgate histórico, após discutiremos a partir da psicanálise algumas reverberações subjetivas dessa lógica. Nosso foco será a balança de investimentos afetivos e o direcionamento do ódio. A partir do contexto educacional procuramos evidenciar que mesmo sendo um contexto repleto de violências pode possibilitar a construção de novas possibilidades de reconhecimento e de investimento em si mesma para mulheres negras.

Como forma de materializar as discussões que faremos traremos alguns trechos de ficções narrativas, que trarão para o texto a materialidade da vida de mulheres negras. Todos os personagens são fruto de criações das pesquisadoras, que transcrevem sentimentos e vivências próprias através da escrita, como forma de articular os afetos que surgiram ao longo da escrita. Não visamos esgotar a temática, mas sim indicar algumas possibilidades de discussão.

Cena 1

Me chamo Beatriz. Sou uma mulher cis, negra, bissexual, de cabelos crespos, filha do seu Milton e da dona Neusa e tenho 27 anos de idade. Minha mãe sempre me disse que para eu ser alguém na vida teria que ser e parecer mil vezes melhor que as outras pessoas (brancas) para conseguir conquistar espaços. Teria que me vestir, comportar e agir igual a Bianca, filha da amiga dela, a tia Patrícia. Ela se veste toda chic, tem cabelos lisos, nariz fino e pontudo, olhos claros e geralmente se comunica com falas pontuais em um tom cordial, de volume baixo. Desde então, nunca me senti suficientemente bonita ou capaz de crescer na vida, eu era totalmente o oposto. Tenho lábios e nariz grossos, meu cabelo é “ruim”, não tenho olhos claros e ainda por cima eu sou extremamente expressiva. Qualquer coisinha me faz gargalhar alto e sempre fui compreendida por isso.

1 Alguns recortes gendrados e racializados da história

Historicamente, a mulher negra é vista a partir da submissão e da ideia de ter que servir a quem é tido como o dominador. Se formos pensar em toda a construção da sociedade, que imagem foi criada e exigida das mulheres negras? Quais eram as mulheres que eram postas como empregadas ou babás das pessoas brancas?

Cena 2

Um dia, em uma conversa com a minha mãe, ela me contou como era a sua vida antes do meu nascimento. O assunto chegou em um ponto sobre como ela se sentia diferente dos patrões dela e de como eles afirmavam, constantemente, que o lugar dela não era ali e que os seus deveres eram restritos a limpar, passar, cozinhar e a não questionar as coisas.

N: Minha filha, lá no lugar onde eu trabalhava eu não podia comer a mesma comida que os meus patrões, eu tinha que esperar eles terminarem de comer e ainda torcer para que alguma coisa sobrasse para mim. Além disso, eu tinha que cuidar do Betinho e limpar a casa, muitas vezes eu ficava com fome e voltava pra casa sem comer. Eu nem podia separar um pouco pra mim porque se não a patroa via e colocava fora.

De acordo com Lélia Gonzalez (2020), no período de escravização no Brasil o trabalho da mulher negra era circunscrito por funções que demandavam intensa doação de força não só braçal mas moral e emocional também. A elas eram reservados serviços como trabalhadora do eito – destinado a sustentação econômica direta do regime, entendido como o trabalho nas lavouras, plantações e outros serviços pesados – e mucama –

atividades dirigidas a casa-grande referentes a “lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas” (Gonzalez, 2020, p.53). Por consequência dessa atribuição de mucama, originou-se a figura de mãe preta, a qual deveria exercer a função materna – cuidado, ensino da linguagem, internalização de valores, introdução à cultura – dos filhos dos senhores, pelo menos durante o período de formação e constituição psíquica reservado a primeira infância. Juntamente a isso, também cabia a essas mulheres prestar auxílio aos companheiros escravizados que retornavam dos serviços prestados e o cuidado dos próprios filhos, quando estes não eram vendidos (Gonzalez, 2020).

No que tange a intersecção entre as dinâmicas de opressão, ainda no período de escravização, a exploração incidia de forma discrepante sobre os corpos de mulheres negras, quando comparadas aos homens negros, dado que a exploração destinadas a elas também perpassava o assédio e a exploração sexual. Nesse sentido, bell hooks salienta que “[...] o sexismo institucionalizado protegia a sexualidade dos homens negros e legitimava (socialmente) a exploração sexual de mulheres negras” (hooks, 2019, p. 48-49).

No período de escravização acontecia direcionamento de tarefas e utilização dos corpos negros. Nesse caso, os homens negros eram vistos/entendidos através da força braçal e do trabalho no campo enquanto que as mulheres negras tinham sobre si a imposição de ter várias funções de trabalho – do mais pesado ao mais “brando” –, além de terem seus corpos como fonte de exploração e abuso sexual (hooks, 2019). A ideia que queremos trazer aqui, não é de diminuir a dor dos homens negros que foram escravizados para ressaltar as das mulheres negras, mas sim de evidenciar que as mulheres negras sofriam com duas forças de opressões, o racismo e o sexismo.

Por isso falamos que a mulher negra se encontra na base dessa hierarquia social, pois a linha de status social permite que homens cisgêneros negros se beneficiem socialmente do patriarcado ao performarem masculinidade. Algo semelhante acontece com as mulheres cisgênero brancas,

pois ainda que o sexismo atravessasse seus corpos e suas dores não sejam consideradas por completo, o fato de serem brancas concede a elas lugares privilegiados dentro da sociedade. Ainda que exista certa assimetria, são vistas e consideradas como sujeitos imbuídos de humanidade e possibilidades. Dessa forma, as mulheres negras permanecem na base da hierarquia e exploração.

A figura social da mulher negra perpassa por diversas construções que, de alguma forma, constituem o imaginário da sua representação enquanto uma mercadoria exótica e erótica. Mulata é mais uma imagem criada pela sociedade escravocrata que aprisiona a mulher negra a uma concepção em que o foco recai sobre o seu corpo, como uma ideia de um objeto sexual, fazendo com que a sua legitimação para uma possível humanidade – que mesmo assim pode não acontecer – seja a partir da exploração sexual que o seu corpo, que é ambicionado e cobiçado pelos homens, pode oferecer. Lélia Gonzalez (2020) nos conta que a palavra “mulata” é originária de um conceito e o seu entendimento vai depender do contexto social em que se está inserido. Isto é, esse conceito remete a desumanização que é atribuída a corpos negros, onde o sexual se relaciona com o animal.

Pensar a mulher negra dentro da sociedade brasileira como estamos procurando mostrar, produz todo um histórico de sofrimento e silenciamento das suas perspectivas de vida. Uma existência que é atingida por práticas de discriminação e inferiorização que é chamado por Lélia Gonzalez (2020) de processo de tríplice discriminação, onde sua presença é atravessada pela raça, classe e gênero.

Por mais que não estejamos enfocando especificamente a classe como categoria analítica, é importante fazer-se entender que ela é um dos alicerces desse debate. Autoras do feminismo negro, como Lélia Gonzalez e bell hooks, relembram a relevância de se considerar as iniquidades econômicas quando se fala de gênero e raça. Isso porque é inegável o entrelace estabelecido entre raça, classe e gênero não só no campo dos afetos, mas no profissional e econômico também. As disparidades são testemunhadas até mesmo no início

dos debates feministas, nos quais de um lado as mulheres brancas lutavam por seus direitos em sair das limitações impostas pela restrição de suas atividades e aprisionamento ao lar; e, de outro, as mulheres negras permaneciam distantes dos debates, em uma posição desigual, exercendo atividades do lar e fora dele, sem o reconhecimento de seu trabalho na sustentação socioeconômica (Gonzalez, 2020; hooks, 2024).

Kimberlé Crenshaw (2002) discorre sobre interseccionalidade como sendo uma visão que acaba por revelar as dinâmicas de funcionamento e efeito de um conjunto de opressões, estas que são pontos estruturantes para a reprodução de violências e desigualdades oriundas de uma sociedade que se baseia em lógicas racistas, burguesas e sexista. Esse processo se dá a partir da ideia de que a mulher negra está na base da lógica de opressão e discriminação, visto que seu corpo é tido pela sociedade, como fonte de diversas facetas e utilidades baseados em todos os estereótipos criados e mantidos a partir do racismo e sexismo. Isso coloca a mulher negra em alta vulnerabilidade principalmente evidenciadas pela falta de oportunidades e das exclusões que são geradas ao longo do passar de sua vida, fazendo com que seu corpo seja excluído de possibilidades de ocupação de um lugar de poder.

Isso fica evidente no âmbito do trabalho, por exemplo, em que a mulher negra continua sendo marcada pela tríplice discriminação. Boa parte dessas mulheres possuem ocupações de superexploração, menor prestígio e pior remuneração. Gonzalez (2020) elucida essa concepção ao expor que a situação atual vivida por mulheres negras não é tão distinta da situação passada, já que

[...] a trabalhadora rural de hoje não difere tanto da “escrava do eito” de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da “mucama” de ontem; o mesmo poderia se dizer da vendedora ambulante, da “joaninha”, da servente ou da trocadora de ônibus de hoje e da “escrava de ganho” de ontem (Gonzalez, 2020, p. 217-218).

Isto é, o seu lugar na força de trabalho ainda é circunscrito pela ideia de que as mulheres negras – principalmente se forem retintas – só devem ocupar profissões e serviços que as mantenham ocultas, onde entende-se que é o “seu lugar”, o qual inclui profissões menos valorizadas e de baixa escolaridade.

Outra dimensão fundamental para pensarmos sobre as vivências de mulheres negras é o lugar sexualizado em que seus corpos são situados. Enquanto pertencente a um espaço de subalternização, o corpo da mulher negra entra em um espaço de vitrine, como se fosse um objeto, onde ele é escolhido para ser usado e abusado de diversas formas em prol da satisfação das necessidades sexuais dos homens que se sentem donos e superiores. Isso se dá através da construção de uma imagem implementada na sociedade pela supervalorização e hipersexualização do corpo da mulher negra, em que foi criado uma ideia sobre ela carregar não só uma sensualidade, mas também um “rebolado” e um corpo avantajado e erotizado, sendo então localizadas no lugar de objetos sexuais (Gonzalez, 2020). Carregada de toda uma vulnerabilidade e impotência devido ao seu lugar na sociedade associados à servidão, a mulher negra acaba por ter a sua humanidade retirada e seu corpo se torna alvo não só de violência moral, mas também sexual. Diante desse contexto nos perguntamos: Quais as reverberações subjetivas dessas vivências?

2 Alguns recortes gendrados e racializados da história

Cena 3

Fui ensinada desde de pequena que o mundo era um lugar difícil, que as coisas para pessoas como eu e a minha família eram quase que impossíveis de conquistar. Cresci ouvindo coisas contraditórias/confusas/negativas sobre o que é ser negro, sobretudo o que é ser uma mulher negra. Desde quando eu tinha 10 anos, meu lugar era sempre relacionado com afazeres domésticos e de cuidado. Mesmo pequenininha, eu tinha que aprender a cozinhar, lavar roupa, arrumar as coisas da casa, cuidar dos meus irmãos e, quando sobrava tempo, eu estudava, mesmo cansada. Em todas as reuniões comemorativas da família, era eu e minhas primas que tínhamos que servir as pessoas. Também era a gente quem cuidava dos nossos irmãos, porque nossas mães estavam na

cozinha enquanto os homens da família estavam na beira da churrasqueira ou sentados na frente da televisão bebendo. Hoje em dia essas mesmas coisas continuam acontecendo, eu ainda tenho que cuidar dos meus irmãos, fazer as coisas dentro de casa e quando alguma das minhas tias precisa eu cuido dos meus primos. Além disso, tenho que trabalhar e quando sobra tempo eu me dedico aos estudos. Ainda que esses momentos em família também servissem como forma de compartilhamento de histórias, memórias, risadas e experiências, eles marcaram a ambivalência das relações moldadas pelas diferenças de gênero.

Cada um dos elementos que atingem o corpo da mulher negra encontram-se alicerçados pelos estereótipos que se referem ao modo como deve-se portar, viver, sentir e existir em meio a sociedade racista e patriarcal. Esses modos são oriundos de uma construção social, em que a representação criada sobre as mulheres negras acaba por restringir as possibilidades e os caminhos que serão seguidos por elas. Assim o racismo passa a ser visto como algo natural e certamente os estereótipos sobre as mulheres negras também.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra (Collins, 2019, p.135).

O sofrimento e a angústia que atravessam a mulher negra por muitas vezes não são considerados e muito menos validados, visto que o corpo negro é sempre alvo da discriminação, desqualificação e silenciamento. Nesse momento, entra em cena a questão de como o sofrimento de mulheres negras é desvalorizado e deixado de lado, ocasionando assim, uma invisibilização e uma sobrecarga emocional que interfere diretamente no seu reconhecimento enquanto uma pessoa digna e possuidora de direitos.

Em nossa sociedade foi construído um modelo, tomado como padrão, de como a mulher deve agir e pensar diante dos acontecimentos de sua vida, de quais sentimentos e emoções ela pode ou não expressar. Uma imagem foi produzida onde as mulheres foram subjetivadas para serem sinônimo de submissão, delicadeza, docilidade, cuidado e fragilidade, assim como também

outros desdobramentos que as colocam no lugar de agentes das tarefas domésticas e da responsabilização pelo funcionamento da casa (Zanello, 2018). Quando pensamos em mulheres negras, a partir dessas atribuições que são impostas, surge uma outra dimensão que são os estereótipos que atravessam o corpo negro, pois quando se tem qualquer manifestação que não seja de submissão, sujeição e subalternidade, mas sim de descontentamento, raiva e ódio por alguma situação, é atribuído a elas o estereótipo de agressivas, violentas e raivosas. À isso, Isildinha Nogueira (2021) acrescenta:

Na sociedade atravessada por uma história de racismo e discriminação persistente, mesmo que silenciosamente, o pressuposto de que o negro deverá agir de acordo com certos estereótipos do comportamento do negro que habitam o imaginário social, ou seja, o negro deverá agir sempre com paciência e moderação; não é suposto estar sujeito às emoções inerentes ao humano - ódio, raiva, amor - das pessoas ou grupo. Deverá se contentar com empregos que nada exijam de inteligência e pelo qual lhe paguem um salário de subsistência; ele se sentirá feliz em viver e criar sua família em habitações inadequadas (Nogueira, 2021, p. 131).

bell hooks (2019), em “E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo”, abre um diálogo sobre os papéis impostos às mulheres e também propõe reflexões sobre as funções que diferem as mulheres brancas e negras. Historicamente, a categoria “mulher” sempre foi ligada à ideais moralistas que remontam ao conceito de “sexo frágil”, no qual o estereótipo feminino era considerado inferior ao masculino e restringido a vida doméstica e a maternidade, tendo o matrimônio como destino (Zanello, 2018; hooks, 2019). No entanto, às mulheres negras era reservado a associação de características não-femininas como comportamentos sexualizados ou agressivos e a elementos considerados “feios” e menos inteligentes, o que fazia com que elas não atingissem o ideal de feminilidade, sendo então, criadas restrições sociais que almejavam a assunção ao lugar de subserviência, a fim de garantir a manutenção da inferioridade social. Dessa forma, a imagem da mulher branca era representada como deusa e virtuosa e a mulher negra, em contrapartida,

era representada como um objeto sexual, de subjugação e destituído de humanidade.

Gonzalez (2020) salienta que em relação as mulheridades há uma categorização referente ao papel delas na sociedade, onde classifica que “preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar” (p. 59). Isso mostra as diferenças que uma análise interseccional evidencia no que se refere aos papéis atribuídos a mulheres em nossa sociedade; que, no caso das mulheres negras são exigidos, sobretudo, uma performance de utilidade e isso tem efeitos sobre sua constituição psíquica e sobre dinâmicas psíquicas que se constituirão a partir daí.

Em 1915, Freud se propõe a falar sobre “pulsões e destinos da pulsão” e neste artigo ele aponta sobre como foi o caminho até o entendimento do que são as pulsões e como elas funcionam. A pulsão e a lógica de investimentos são conceitos/elementos fundamentais para compreender a constituição e o funcionamento psíquico, de forma que a circulação pulsional transita pelo corpo até o psiquismo, onde exige uma representação e um direcionamento, que busca objetos para encaminhar e atingir a satisfação. Em um primeiro momento, as pulsões são direcionadas para si, onde o Eu é o primeiro objeto de investimento. E, posteriormente a isso, elas são dirigidas aos objetos externos buscando a satisfação - que é sempre parcial.

A constituição psíquica acontece através da relação adulto-criança (Laplanche, 2014), onde é necessário o investimento do adulto para que a criança possa se reconhecer e começar a investir em si e no mundo. O adulto é encarregado não só de suprir as necessidades básicas do bebê, que tem uma dependência, como também de inserir ele ao universo simbólico e as lógicas sociais, servindo como alicerce da sobrevivência e do encaminhamento pulsional. Nessa perspectiva, Neusa Santos Souza argumenta:

Essas instâncias vão mostrar ao sujeito aquilo que lhe é permitido, proibido ou prescrito sentir ou exprimir, a fim de que sejam garantidos, simultaneamente, seu direito à existência, na condição de ser psíquico

autônomo, e o da existência de seu grupo, enquanto comunidade histórico-social (Souza, 2021 p. 26).

Desse modo, a constituição psíquica de uma mulher negra se dá através de uma construção repleta de percalços que, muitas vezes, são entendidos como banalidades, pois a naturalização do racismo é um fenômeno que tem uma influência devastadora na subjetividade de mulheres negras. Isso nos remete ao que Freud (2006a [1915]) postula sobre a balança de investimento que, como já dito anteriormente, se inicia a partir do investimento do outro e com as primeiras pulsões direcionadas para o Eu que, logo após, são direcionadas para os objetos externos, havendo a necessidade de se ter um equilíbrio dessas dimensões de investimentos. Pensando na dinâmica psíquica de mulheres negras, nos parece existir um desequilíbrio na balança de investimentos afetivos desde muito cedo, através das lógicas sociais de uma sociedade racista e sexista. Tal desequilíbrio é perpetuado nas relações a partir do que Cida Bento (2022) vai chamar de herança histórica oriunda de um pacto narcísico da branquitude. Podemos entender esse aspecto como um acordo não verbalizado entre as pessoas brancas, como forma de autopreservação, para se manterem protegidas e amparadas pelos seus privilégios. Da mesma forma que procuram, através dessa herança, manter as pessoas negras excluídas e subalternizadas.

À vista disso, a sobrecarga, a demanda do cuidado e satisfação do outro, assim como a exigência de ter que haver um investimento contínuo no mundo externo – mas nunca em si, ou quando há é da ordem do ódio e da desqualificação de si – faz com que essa balança de investimento fique em desequilíbrio, pesando mais para um lado do que para o outro. Essa desproporção acaba retirando a libido voltada para o Eu e direcionando uma grande quantidade de investimentos ao outro. Podemos perceber situações de desequilíbrio da balança de investimento da mulher negra tanto no ambiente familiar, que é onde ela inicialmente se materializa, quanto em outros setores da sociedade, que a mantém excluída e sem receber investimentos desse

outro, o qual ela tanto investe. A reprodução do racismo se apoia nessa lógica da branquitude, em que as pessoas brancas procuram eternizar padrões ideais para serem seguidos sem se questionarem e se colocarem no lugar de agentes da mudança desses paradigmas que estabelecem as desigualdades.

As lógicas socio-culturais determinam como se deve agir em uma sociedade e são constituídas a partir das normas de opressão (racismo, sexismo, patriarcado, etc), que interditam a possibilidade da mulher negra conseguir encontrar recursos para manejar os seus investimentos partindo das suas vivências. Essa dinâmica social que opera desumanizando, silenciando e produzindo imagens estereotipadas sobre as pessoas negras, dita que essas mulheres não podem expressar a raiva e o ódio a quem lhes subalterniza e violenta.

Cena 4

Eu nunca me senti bonita de verdade e nem capaz de fazer alguma coisa. Por mais que meus pais falassem o contrário, no fundo eu nunca acreditei. Por muito tempo eu escutei dos meus colegas, na escola, que eu era feia, burra, e que meu cabelo era “ruim” e parecia um bombril. Então eu sempre odiei meu corpo e meu cabelo. Pedia pra minha mãe alisar todos os dias, assim como sempre que eu chegava da escola, enquanto ela tirava o cochilo da tarde, eu corria até o balde de prendedores e colocava alguns no meu nariz para ver se assim ele afinava. Hoje em dia, na faculdade, essas coisas ainda caminham comigo. Por mais que eu tente soltar, sempre que vou apresentar trabalho surge uma voz na minha cabeça falando que eu não vou conseguir apresentar ou falando que todos estão me olhando porque me acham feia e querem rir.

Freud (2006b [1915]), ao falar sobre as pulsões, discorre que existem diferentes destinos, que podem ser: “a transformação em seu contrário”; o “recalque”; a “sublimação” e “o redirecionamento contra a própria pessoa”. E, este último será o foco daqui em diante. O autor elenca que quando o ódio não pode ser dirigido para o objeto externo, ele retorna para si. Parece-nos que é isso que acontece no caso das pessoas negras. A sociedade, ao não legitimar os afetos das pessoas negras, impõe que acatem essas lógicas normativas que as fazem permanecer na condição de subalternidade, onde

utilizam como recurso defensivo, recurso de sobrevivência psíquica, o retorno do ódio sobre si mesmas.

Quando se pondera para onde é direcionado o ódio quando não pode ser direcionado para o objeto em questão (nesse caso, os opressores), vem à tona o redirecionamento para si, que é entendido quando o ódio se redireciona para si mesma, para o próprio corpo. A meta segue a mesma, o que muda é o objeto para o qual essa energia será direcionada que, nesse caso, passa a ser o próprio eu (Freud, 2006c [1915]).

Esse retorno dos afetos pode ser manifesto através da autodepreciação e processos autodestrutivos, que ocorrem quando as mulheres negras passam a se odiar, se desqualificar, se depreciar e desacreditar das suas capacidades intelectuais. Ou, ainda, quando tomadas por um ideal constitutivo branco, parasitado pelo racismo, engendram tal redirecionamento ao próprio corpo por meio da rejeição dos atributos físicos, estéticos, emocionais e comportamentais correspondentes à cultura negra (Souza, 2021; Nogueira, 2021). Em um movimento que também é de abdicação do próprio desejo. Nesse contexto, a educação e a possibilidade de construir um caminho de formação acadêmica tem sido um caminho ambivalente, mas que tem possibilitado transformações nas dinâmicas de investimento afetivo tanto singulares quanto coletivas de mulheres negras.

3 Mulheres negras, educação e (im) possibilidades de investir em si

O cenário social contemporâneo que (re)produz as diretrizes do período colonial faz com que as experiências afetivas das mulheres negras estejam marcadas por uma lógica de subjulgação. A função primordial desempenhada a partir da sua disponibilidade exacerbada ao cuidado do outro, proporciona um enlace que, em uma busca por validação de sua existência enquanto corpo-sujeito repleto de afetividade, acaba por tomar como objetivo a realização do desejo do outro como forma de encontrar nessa realidade imposta uma

maneira de obter algum tipo de satisfação, advinda da (re)produção das suas atividades de cuidado e do seu reconhecimento como um ser útil.

Isso influencia na forma que a mulher se vê e se entende enquanto pertencente a uma sociedade que é racista e sexista. Sendo, então, possível entender que além de sobrar pouco investimento para si mesma, – no caso das mulheres negras que é o nosso foco de estudo – ainda acontece o retorno do ódio sobre si, sobre o próprio corpo. No entanto, cabe o questionamento: que outros papéis as mulheres negras podem exercer na vida e nas relações quando não estão sendo úteis, necessárias ou ocupando posições que resolvem problemas e exercem tarefas de cuidado?

Cena 5

Meu sonho sempre foi entrar pra universidade. Quando estava no ensino médio via meus colegas (brancos) falarem do quanto já tinham um caminho definido. Eles já sabiam que o próximo passo seria entrar para algum curso da universidade. Mas no meu caso, o que eu mais ouvia (de vizinhos, conhecidos e até familiares) era que esse lugar não era pra mim. Não era pra gente como eu. O foco deveria ser arrumar um emprego de carteira assinada e só, diziam. Meu pai, um homem negro de pele retinta, quando o assunto era faculdade já dizia "E se entrar vai fazer o quê? Acha que vai entender esse mundo? Acha que tem chance de ir longe a ponto de se formar e conseguir um emprego nisso?"

Cena 6

Até meus 20 anos eu sempre odiei meu cabelo. A virada de chave foi na minha entrada para a faculdade. A partir desse momento, comecei a mudar o meu olhar para algumas partes do meu corpo. O meu cabelo foi um desses fatores que passei a mudar, iniciei a transição e depois de alguns anos a aceitação do meu black power veio. Depois desse processo eu só usava o meu cabelo solto e, no dia que aconteceria a amostra de curso para os novos ingressantes, resolvi usar um turbante bem lindo e colorido para recepcioná-los. Durante todo o evento, percebi olhares atravessados e cochichos por onde passava. Tentei aguentar calada, mas decidi comentar isso com o meu professor. E ele, homem branco, um renomado professor de universidade, sem se preocupar em como eu receberia aquilo o que ele estava por falar disse: "pois é Beatriz, imagino que seja por causa desse negócio que estas na cabeça. Ele chama muita atenção e algumas pessoas podem achar estranho, já que você não está vestida de acordo, como todos que estão aqui ."

Essas cenas detém uma grande representatividade, pois através delas surgem muitas reflexões sobre como no decorrer da vida de mulheres negras

o estudo é tido como algo inalcançável, algo que só serve para determinadas pessoas, que não as inclui ou se estiverem nesse contexto que serão lembradas a todo momento que são inadequadas. Muitas vezes, o incentivo da família ao trabalho provém da noção de que a dimensão material deveria ser priorizada e sobreposta a dimensão afetiva, já que no passado as pessoas negras foram colocadas em um contexto de escassez, o que refletiu na iniquidade e falta de autonomia econômica. A partir dessa perspectiva surge a noção de que só através do trabalho braçal é possível se tornar digno, já que por muito tempo as pessoas negras foram desestimuladas a ler e a escrever, pois havia o temor de que uma pessoa negra com letramento poderia subverter a lógica de exploração que lhe era imposta.

O contexto educacional para as mulheres negras carrega a marca da ambivalência: essa experiência é marcada por violências racistas e sexistas, mas também possibilita a construção de novas possibilidades de reconhecimento e investimento em si mesma.

Dizer que a escola é um dos espaços sociais incumbidos da reprodução de ideologias não exclui a sua existência enquanto espaço de resistência e reelaboração de conhecimentos e valores instituídos socialmente. Evidencia-se assim, que ela, escola, existe na dupla dimensão da educação: a dos saberes tido como universais e a dos saberes produzidos por diferentes processos educativos. Portanto, superar racismos, discriminações, reconhecer valores e práticas diversas próprias de diferentes grupos étnico-raciais tem sido um desafio do campo educacional (Gusmão, 2012, p. 96).

Seria totalmente contraditório ignorar que a educação oferece oportunidades para as pessoas negras. A educação e seus agentes possibilitam a desconstrução de paradigmas preconceituosos e produzem a valorização da transformação dos saberes contrários à diversidade, universalizantes e reprodutores de violência. Mas isso não se dá sem que muitas situações de racismo e sexismo tenham que ser enfrentadas por mulheres negras.

Acreditamos juntamente com Elsa Dorlin (2021, p.16) que é preciso "(...) desindividualizar as vivências das mulheres, reconhecendo em cada uma dessas vivências individuais as múltiplas expressões de uma condição social

e histórica comum". Cabe o destaque que coletivizar e desindividualizar não significa desconsiderar as reverberações singulares de tais condições em cada caso. Ter esse reconhecimento permite que processos psíquicos sejam lidos como produtos da dialética indissociável de sujeito-sociedade e, assim, não sejam atribuídas significações patologizantes e apartadas do meio social (Schucman; Gonçalves, 2020).

Desindividualizar as vivências é uma forma de coletivizar meios de amparo e cuidado, e é possível notar que a população negra em si, aos poucos vai movimentando as estruturas opressoras com a sua forma de (re)existência. O campo da educação é dos principais campos em que essa coletivização tem ocorrido de forma consistente e com grandes reverberações sociais. Assim, o reconhecimento das violências racistas – produzidas e reproduzidas – em um contexto coletivo, como ambientes educacionais, pode promover reinvenções subjetivas que rompem com aquilo que a dinâmica social impõe.

Desse modo, é possível estabelecer que a lógica social influencia, mas não determina de modo permanente ou definitivo a dinâmica psíquica. A alteração dessa dinâmica pode estar localizada na potencialidade contida na força do coletivo, do apoio e dos vínculos – seja de mulheres, familiares, amigos ou instâncias educacionais. Nesse sentido, o movimento de mulheres negras em função de apoiar uma a outra no enfrentamento das normas de opressão se torna mais forte e quando elas trilham esse caminho de forma coletiva, respeitando suas particularidades, outras possibilidades de reconhecimento e investimento em si mesmas podem surgir.

Logo, para além de compreender os sistemas opressores, as relações raciais, o funcionamento psíquico e as lógicas de investimento pulsional, Schucman e Gonçalves (2020) alertam para a importância de se atentar e investigar como as pessoas negras lidam, se mobilizam e se movimentam perante os fatos sociais permeados de preconceitos, estigmas e discriminações, pois também é necessário ter em mente que

[...] as pessoas negras têm produzido, individual e coletivamente, sentidos existenciais não pejorativos ou até mesmo positivos sobre a raça, que envolvem força, poder, resiliência, superação, ancestralidade, os quais englobam uma série de valores que subvertem os significados historicamente construídos sobre a raça, particularmente para os negros (Schucman; Gonçalves, 2020, p. 120).

Procuramos, portanto, evidenciar alguns dos efeitos do lastro histórico-social racista e sexista que marcam as vivências de mulheres negras em nossa sociedade e que dificultam o equilíbrio da balança de investimentos, e conduzem ao retorno do ódio sobre si mesmas. Isso deixa nítido a importância fundamental de pensarmos em práticas que considerem as especificidades das vivências de mulheres negras e seus desdobramentos subjetivos, considerando aspectos singulares sem deixar de coletivizar suas dores.

A educação, historicamente, se constituiu para mulheres negras como um espaço interditado e quando possível um espaço de subalternização, de abusos e de desqualificação da sua presença e produções. Os apagamentos surgem desde a escola e vão sendo perpetuados para toda a trajetória acadêmica. Os insultos e violências passam a fazer parte do dia a dia de mulheres negras nos contextos educacionais, mas mesmo assim mulheres negras investem nas possibilidades que a educação pode trazer para si mesmas. Um espaço que apesar das violências tem se mostrado como possibilidade de transformação dos investimentos em si mesma e como o início da construção de outras possibilidades de reconhecimento que não apenas a subalternização racista, sexista e desumanizadora. Possibilidades que podem construir caminhos de amor e cuidado para si mesma e de direcionamento do ódio aos objetos devidos.

Considerações finais

Ao pensar nas lógicas de opressão que incidem sobre as mulheres negras, é possível compreender que a dinâmica social racista e sexista está presente desde a constituição do Eu, perpassando as dinâmicas de cuidado,

as escolhas objetais e os destinos das pulsões. O lugar social destinado a essas mulheres, desde a colonização, é circunscrito por exigências de subjugação que irão refletir nas formas de investimentos pulsionais, desequilibrando a balança de investimentos – que pende mais em direção ao outro do que ao Eu. Além disso, o ódio é preponderantemente retornado sobre si mesma em função de interdições impostas por lógicas sociais.

Procuramos mostrar que o campo da educação se apresenta de forma ambivalente para as mulheres negras: ao mesmo tempo que reproduz as violências sociais também pode possibilitar que novas formas de reconhecimento e investimento em si possam ser construídas. Mas, para que isso ocorra é fundamental um comprometimento ético e político. À vista disso, é preciso ressaltar que historicamente a Psicologia atuou validando cientificamente estereótipos racistas, oriundos de teorias eurocêtricas, através da produção de conhecimentos que não consideravam a diversidade brasileira, perpetuando uma ideia discriminatória à respeito daqueles corpos que eram vistos como não pertencentes ao padrão de ser humano universal – branco (CFP, 2017). Hoje, para que não seja propagada essa visão, é necessário que haja um posicionamento contrário nítido e consistente. Assim como a adesão de atitudes que não sejam coniventes com o silenciamento de vozes plurais e manejo de demandas múltiplas, que envolvam as relações raciais, o racismo e seus efeitos na dinâmica psíquica. Desse modo, a Psicologia deve ser agente de mudança dos paradigmas que estigmatizam os corpos negros, de forma a se tornar mais atenta às pesquisas que procuram direcionar um olhar situado e trazer para o centro do debate populações historicamente mantidas a margem.

Referências

- BENTO, Cida. *Pacto da Branquitude*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 29 mai. 2025.

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades*: Introdução à teoria feminista. São Paulo, Crocodilo, 2021.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006^a [1915]. p. 77-110. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Repressão. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006^b [1915]. p. 147-165. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006^c [1915]. p. 117-146. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).

GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*: Ensaios, Intervenções e Diálogos. 1.ed. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Africanidades e brasilidades: desafios da formação docente. *REALIS - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais*. [S. l.], v. 2 n. 1, p. 93-108, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/article/view/8757>. Disponível em: 29 mai. 2025.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo*: políticas arrebatadoras. 26. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher?* mulheres negras e feminismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAPLANCHE, Jean. *Sexual*: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Mônica Mendes. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. [S.l.], v. 72, n. SPE, p. 109-123, 2020. DOI: 10.36482/1809-5267.ARBP2020v72s1p.109-123. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v72nspe/09.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2025.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em maio de 2025.
Aprovado em junho de 2025.